DO CEARÁ, UM POETA E UM SOCIÓLOGO

José Helder de Sousa

Do Ceará me vieram dois livros: um de poesia — o do Artur Eduardo Benevides —, um de prosa — o do Mozart Soriano Aderaldo, um estudo de sociologia entrevista pela comilança da cozinha Nordestina, livros amigos, livros de amigos e deles falemos separadamente, regaladamente.

Artur Eduardo Benevides chega com *A Rosa do Tempo* ou o *Intérmino Caminho* ao seu décimo segundo livro de poemas, numa carreira começada em 1944 com *Navio da Noite.* É um nome inscrito na poesia nacional e um inaugurador do movimento literário renovador, chamado e conhecido nacionalmente o *Grupo Clã* que, nas águas da redemocratização até 1945, consolidou o modernismo no Ceará. O livro *Os Hóspedes,* no qual Benevides reuniu-se aos seus amigos poetas Aluizio Medeiros, Antonio Girão Barroso e Otacílio Colares, marcou fundamente este movimento no Ceará, em 1948. Depois vieram *A Valsa e a Fonte* (1950), *Cancioneiro da Cidade de Fortaleza, O Habitante da Tarde, O Tempo, o Caçador e as Cousas Longamente Procuradas* (1955), *Canção da Rosa dos Ventos* (1966), *O Viajante da Solidão* (1969), *Viola de Andarilho* (1974), *Elegias de Outono* e *Canções de Muito Amor e de Adeus* e *Arquitetura na Névoa* (1979). Benevides é também autor de vários livros de ensaio — *Evolução da Poesia e do Romance Cearense,* entre eles — e de estudos sobre a questão do ensino, já que é professor da Universidade Federal do Ceará e já foi diretor do Centro de Estudos Brasileiros de Rosário, Argentina.

Artur Eduardo Benevides não é poeta porque faça versos, como ele mesmo diz no poema de abertura deste seu último livro, pois "o verso é rio a desaguar/nas praças. E a poesia é um mar". O poema é toda um definição do ser poético e diz: "Poeta é aquele que se ergue/se mortos passam ou cegos/são chegados". Ou ainda: "O Verdadeiro poeta é antiburguês... E sabe ouvir do mundo os vãos protestos/ escondendo no verso a dor e o grito".

É reconfortante verificar, percorrendo as páginas deste livro, o quanto, no passar do tempo, o poeta Artur Eduardo Benevides conservou o sumo e a seiva de uma poesia vigorosa, inteligível, direta, universal quando cuida de temas eternos como o amor e nos diz: "O que ele toca - fere. E delirante/deixa marcas visíveis como rastros/nas praias e dunas mais distantes". Ou ainda neste longo poema intitulado "Do Amor, de sua Resplandência e dos Cálices Amargos, Mas Azuis" em que está dito: "Ou somos, então danificados/como pontes levadas pelas águas/que marulham nas pedras do jamais". Difícil é destacar neste emaranhado de versos longos e poemas extensos um ou outro, mas podemos escolher alguns, numa preferência puramente pessoal, como o "Memorial sobre a morte ao Poeta Antonio Girão Barroso". É um poema dorido a sugerir fim de viagem em que Benevides confessa ao amigo suas impressões sobre a morte a quem "tudo se encaminha" e "tudo o que se espera é morte, mesmo/a canção a doer na minha voz", mais além define a morte: "É rio, é promissão, é pensamento/a transferir-se lento, em luz furtiva/para o rio geral do esquecimento". Noutro verso deste poema, como a lembrar a praga védica — "Que sobrevivas a toda tua descendência" — o poeta exprime toda a miséria do homem em frente a morte: "A mão que rosas colhe sobre velhas trilhas... e os olhos dos que acabam de perder seus filhos". É a maturação da poesia, é livro definitivo e amaguradamente belo.

Mozart Soriano Aderaldo reuniu *Velhas Receitas da Cozinha Nordestina,* num livro muito bem cuidado, editado pela Universidade Federal do Ceará em convênio com a Prefeitura Municipal de Fortaleza, e em torno delas faz uma série de considerações e constatações sobre a cultura, sobre a vida do homem do Nordeste. Mozart confessa que as receitas postas nas páginas deste livro estavam num velho caderno de receitas caseiras pertencente a sua bisavó. Ao lado de tais

receitas copiadas deste caderno avoengo Mozart Soriano Aderaldo teceu suas considerações em torno da vida nordestina vista através de sua cozinha em títulos como tais: *A culinária da colonização brasileira, A crise da cozinha brasileira, As oliversas cozinhas do Brasil.* Assim, com água na boca lembrando os velhos acepipes em que se empregavam dúzias de ovos, vamos sabendo como viviam ou como comiam nossos avós.

(*Correio Brasiliense* - Brasília — 19-12-81)